

Será que o território brasileiro útil para a agricultura está acabando?

Por: Evaristo E. de Miranda, agrônomo, doutor em Ecologia, pesquisador e coordenador do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica da EMBRAPA

Em 25 anos, os Governos federalizaram quase 35% do território nacional destinando-o a unidades de conservação, terras indígenas, comunidades quilombolas e assentamentos de reforma agrária.

Sem planejamento estratégico adequado, esse conjunto de territórios resultou essencialmente da lógica e da pressão de diversos grupos sociais e políticos, nacionais e internacionais, cuja legitimidade não se questiona. A questão aqui é outra. Agora, o país está diante de um desafio de gestão territorial, gerador de conflitos cada vez mais agudos, conforme mostram os dados reunidos pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica - GITE da EMBRAPA (FIG. 1).



Segundo o Ministério do Meio Ambiente, até outubro de 2013, 1098 **unidades de conservação** ocupavam 17% do Brasil. Aqui, na maioria dos casos, as unidades de conservação excluem a presença humana, enquanto na Europa, Ásia e Estados Unidos pode haver agricultura, aldeias e diversas atividades nos parques nacionais, sem evocar a ampla visitação turística (FIG. 2).

Nas unidades de conservação, a legislação ambiental brasileira ainda define no seu entorno externo uma **zona de amortecimento** onde as atividades agrícolas (e outras) são limitadas por determinações da gestão da unidade de conservação (proibição de transgênicos, de pulverizar com aviação agrícola etc.). A largura dessa zona é variável. Estimativas por geoprocessamento avaliam o seu alcance territorial entre 10 a 80 milhões de hectares adicionais (1 a 9% do Brasil), dependendo da largura dessa faixa que pode variar entre as unidades de conservação e mesmo ao longo do perímetro de uma única unidade (FIG. 3).

Segundo a FUNAI, 584 **terras indígenas** ocupam aproximadamente 14% do território nacional. Reunidas, essas duas categorias de áreas protegidas, eliminando-se as sobreposições, ocupam 247 milhões de hectares ou 29% do país (FIG. 4).

Com quase 30% de áreas protegidas (unidades de conservação e terras indígenas), o



Figura 1: Repartição espacial do conjunto das áreas atribuídas legalmente para unidades de conservação, terras indígenas, assentamentos de reforma agrária e quilombolas no Brasil

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UCs)



Figura 2: Repartição espacial das unidades de conservação no Brasil

ZONAS DE AMORTECIMENTO DAS UCs

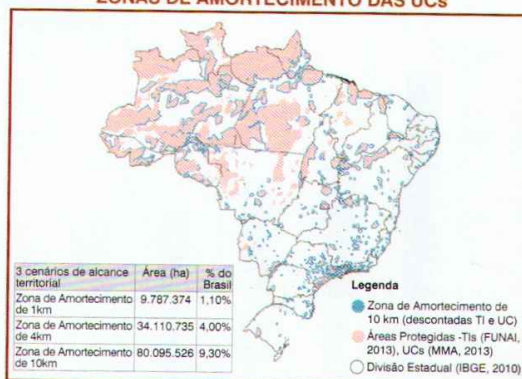


Figura 3: Repartição espacial das unidades de conservação acrescidas de suas respectivas zonas de amortecimento no Brasil

TERRAS INDÍGENAS (TIs)

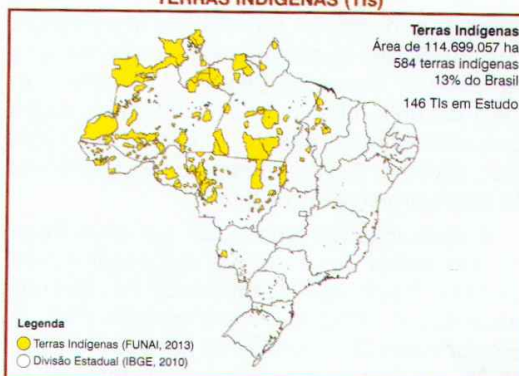


Figura 4: Repartição espacial das terras indígenas no Brasil

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UCs) E TERRAS INDÍGENAS (TIs)

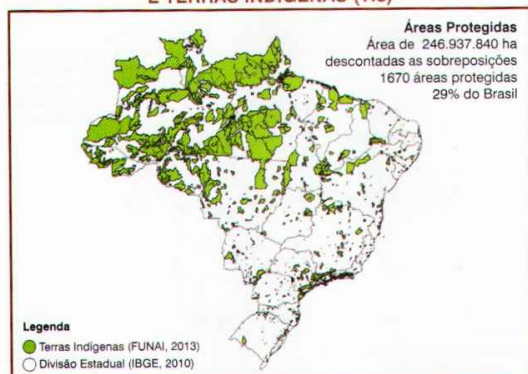


Figura 5: Repartição espacial das áreas legalmente atribuídas às unidades de conservação e terras indígenas no Brasil

ASSENTAMENTOS E QUILOMBOLAS

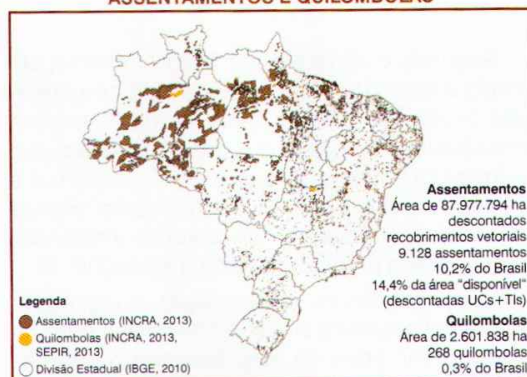


Figura 7: Repartição espacial das áreas legalmente atribuídas aos assentamentos de reforma agrária e quilombolas no Brasil

ÁREAS PROTEGIDAS NO BRASIL E NO MUNDO

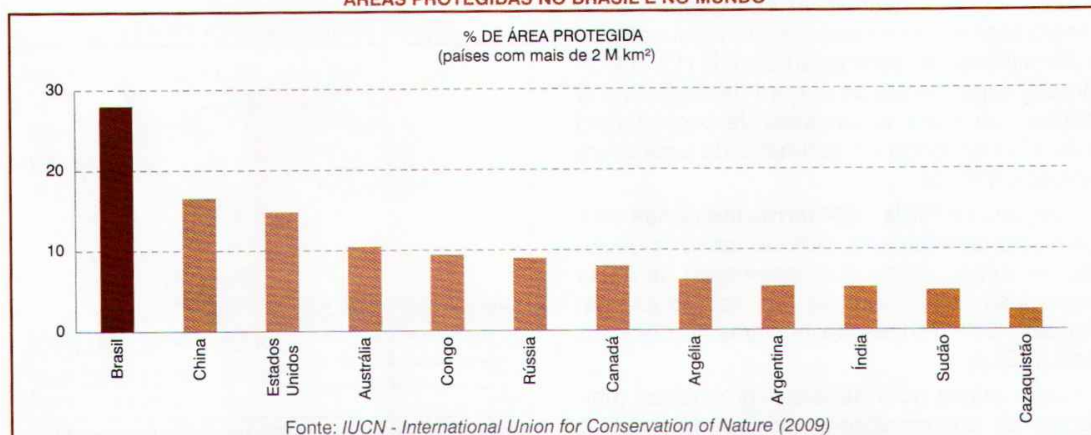


Figura 6: Porcentagem de áreas protegidas nos países com mais de dois milhões de quilômetros quadrados

Brasil é o campeão mundial da preservação (FIG. 5). Segundo a *International Union for Conservation of Nature* (IUCN), os 11 países com mais de dois milhões de quilômetros quadrados existentes no mundo (China, EUA, Rússia etc.) dedicam 9% em média de seus territórios às áreas protegidas (FIG. 6).

A atribuição de terras pelo Governo Federal não acaba por aí. Sob a responsabilidade, existem 9.128 **assentamentos**, de diversas naturezas e estágios de implantação (FIG. 7). Eles ocupam 88,1 milhões de hectares, ou seja, 10,2% do Brasil ou 14,4% do que resta quan-

do descontado o território já atribuído às áreas protegidas. Essa área tem um potencial produtivo enorme. Ela equivale em área à quase o dobro da cultivada atualmente em grãos no Brasil, responsável por cerca de 190 milhões de toneladas na última safra.

Pelos dados do INCRA e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, as 268 áreas quilombolas já decretadas ocupam cerca de 2,6 milhões de hectares (FIG. 7). No conjunto, mais de 290 milhões de hectares, 34% do território nacional, estão assim atribuídos.

“ Além de áreas já atribuídas, existem milhares de solicitações adicionais para criar ou ampliar mais unidades de conservação, terras indígenas, assentamentos agrários e quilombolas.

CONJUNTO DAS ÁREAS ATRIBUÍDAS LEGALMENTE PARA UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, TERRAS INDÍGENAS, ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA E QUILOMBOLAS



Figura 8: Repartição espacial do conjunto das áreas atribuídas legalmente para unidades de conservação, terras indígenas, assentamentos de reforma agrária e quilombolas no Brasil

O mapa do Brasil com mais de 11.000 áreas atribuídas, essencialmente pelo Governo Federal, impressiona e permite visualizar a complexidade territorial da situação atual (FIG. 8). Esse mapa ilustra o tamanho do desafio de gestão territorial e fundiária. Cada uma dessas unidades pede um tipo de gestão, avaliação e monitoramento específicos e transparentes.

Há Estados em que boa parte de seu território já foi “federalizada” por decretos federais de atribuição de áreas que estarão por muito tempo sob o controle de órgãos e instituições federais. Além das áreas já atribuídas, existem milhares de solicitações adicionais para criar ou ampliar mais unidades de conservação, terras indígenas, assentamentos agrários e quilombolas. O Governo Federal continuará atribuindo-se mais e mais extensões de terra que, na maioria dos casos, sairão do controle dos estados e municípios.

Cada vez mais, as novas áreas reivindicadas já estarão ocupadas pela agricultura e até por núcleos urbanos. Esse quadro complexo de ocupação e uso territorial representa um enorme desafio de governança fundiária e envolve conflitos graves, processos judiciais, impactos sociais e implicações econômicas significativas.

Além das demandas adicionais desses grupos, minorias e movimentos sociais, todos com

sua lógica e legitimidade, há ainda a necessidade de compatibilizar essa realidade territorial com crescimento das cidades, com a destinação de locais para geração e transmissão de energia, para implantação, passagem e ampliação da logística, dos meios de transportes, dos sistemas de abastecimento, armazenagem, mineração etc. O Brasil virou um enorme quebra-cabeça territorial para essas necessidades.

Para finalizar, o país campeão da preservação territorial exige que os agricultores assumam o ônus de preservar porções significativas no interior de seus imóveis rurais, como reserva legal ou áreas de preservação permanente, num crescendo que pode começar com 20% e chegar a 80% da área da propriedade na Amazônia. A repercussão do crescimento do preço da terra no custo dos alimentos é apenas um dos reflexos dessa situação.

Como disse [Maurício Lopes](#), presidente da [Embrapa](#), em [artigo no Correio Brasiliense \(8/6/2014\)](#), os pesquisadores brasileiros estão cientes de que somente sistemas de gestão territorial estratégicos poderão garantir a compreensão do potencial e dos limites da base de recursos naturais e dos processos de uso e ocupação das terras. E ajudar a superar esse grande e inédito desafio de inteligência territorial. Mas, só pesquisador não basta.